

FORMAÇÃO DE PROFESSORES, TECNOLOGIAS EDUCACIONAIS E HUMANIZAÇÃO NOS TEMPOS DA PANDEMIA: um dedo de prosa com Paulo Freire

¹César Nunes

O centenário do nascimento de Paulo Freire (1921-1997), celebrado nesse ano de 2021, coincide com os inícios da terceira década desse terceiro milênio. São datas plenas, que inspiram sonhos e avaliações conclusivas. No entanto, a atmosfera política mundial e, igualmente, a realidade social e política do Brasil, apresentam características sombrias e horizontes carregados de dúvidas, de desafios e de temores, nessa conjuntura. O fenômeno da pandemia da COVID 19, disseminado pelo mundo todo, a partir de março de 2020, contabiliza hoje números estrondosos de milhões de mortes, de acentuada desagregação social, econômica e cultural, de nossa realidade de vida e de nossa prática de convivência, no mundo todo e, em particular, no Brasil. Sobre essa realidade escrevemos, no espanto daquela realidade trágica:

(...) As coordenadas que me balizam nessas madrugadas sempre se referem a Clio, a ninfa da História. Nela me valho para alcançar algumas iluminuras possíveis neste barco sem leme, sem que eu me sinta capaz de guardar a moeda para o barqueiro da travessia pantanosa. Só vive quem faz, só vive quem vê. A economia da sociedade moderna alterou radicalmente a realidade do mundo, do planeta. Nossas invenções e descobertas, da Revolução Industrial e Urbana (1780) para cá, já acumulando mais de duzentos anos de desenfreada agressão aos recursos naturais do mundo, sob a batuta de um antropocentrismo empirista e racionalista, na ânsia de supostamente dominar o mundo e submetê-lo ao ser humano, de produzir mais e melhor, de desentranhar todos os mistérios e de dessacralizar todas as matérias, chegou a um ponto sem volta. Máquinas hiperpotentes, inteligência artificial, satélites e miríades de recursos energéticos de toda sorte, tecnologias indiscutíveis foram grassando os campos, reduzindo os espaços da natureza primordial, expurgando os animais, extinguindo outros, ocupando tudo ao sabor das forças e dos interesses pantagruélicos do capital. Foi a avassaladora e desenfreada corrida do capitalismo racional e produtivo — movido pelo lucro e pela apropriação das forças naturais — que gerou a mercadoria. E a mercadoria é a mãe da pandemia. Foi a mercadoria que cerrou as fronteiras nacionais, regurgitou as peias éticas idealizadas e tomou de assalto o mundo inteiro, o planeta todo. Foi a mercadoria que abriu rotas por mares reais e oceanos virtuais, navegando no capital especulativo e na vigilância de todos sobre todos e tudo. A mercadoria gerou a pandemia. A pandemia é filha da mercadoria. Sem entender e sem superar a civilização que tirou a harmonia do mundo, não há salvação. Se a derrubada do Muro de Berlim (1989) representa simbolicamente o fim de um modelo de socialismo real, que pretendia realizar uma crítica e uma suposta superação estrutural do capitalismo, sem o conseguir, a disseminação da pandemia da Covid-19 representa, para mim, o

¹ Professor Titular de Filosofia e Educação da Faculdade de Educação da UNICAMP. Coordenador da Linha de Pesquisa Filosofia e Educação do Programa de Pós-graduação em Educação da UNICAMP, membro do Instituto Nacional de Pesquisas e Promoção dos Direitos Humanos (INPPDH), diretor nacional da ABRADES (Associação Brasileira para a Educação Afetiva e Ética Sexual) e professor Colaborador Visitante do Instituto de Direitos Humanos (IGC) da Universidade de Coimbra, Portugal. Contato: cnunes@unicamp.br

ocaso, o crepúsculo, a agonia do modelo de capitalismo que gerou a mercadoria, e abriu todas as veias do mundo para a circulação livre de seus tentáculos. A mercadoria moldou o mundo, e gerou a filha diletta de si mesma, a pandemia. (NUNES, Cesar. 2020, p. 21-22).

Mas, não desejamos aqui retomar essa necessária análise, já a pressupomos como premissa. Nosso tema, inspirados na figura iluminada de Paulo Freire, refere-se aos três temas integrados que se apresentam como questões importantes a decifrar nessa encruzilhada em que nos encontramos: a questão da *formação de professores*, o impacto das *tecnologias digitais* na educação e na escola e o paradigma da *pedagogia da humanização*, como fundamento teórico-prático.

A questão da *formação dos professores* e dos educadores do Brasil é sempre um debate difícil. Há diferentes enfoques e diversas abordagens para tratar desse tema. Aprendemos muitas coisas com Paulo Freire, em nossa rica convivência, sobre a delicada questão da formação de professores. Vou começar contando uma história, vivida com o professor Paulo Freire, quando tive a alegria de ser seu aluno e, em algumas situações, seu motorista, sobretudo para buscá-lo e levá-lo a São Paulo, em decorrência das aulas da Faculdade de Educação da Unicamp. Retomo a memória dessa passagem para buscar testemunhar o caráter original, amoroso, bem-humorado e radicalmente humanista e crítico do pensamento desse Mestre:

Outra das mais belas passagens que vivemos pode ser resumido no seguinte episódio. Eu o esperava, ele ficava na Biblioteca, para levá-lo a São Paulo. A Biblioteca não era grande, a Unicamp não era grande, como é hoje, naquele momento. E eu desejava ir logo à São Paulo e voltar para encontrar-me com meus colegas de Mestrado. Eu disse a ele: “Professor Paulo Freire, o senhor não poderia adiantar um pouco as coisas, porque eu não sei sair de São Paulo depois do das 18:00 h, a hora do *rush*, é muito pesado o trânsito.” Ele respondeu, sem tirar os olhos do livro que lia, com a voz calma: “Cézinha, tu és muito ansioso, menino, aguarde aí, estou finalizando um entendimento aqui desse livro, tem que ser agora.” E eu fiquei esperando, meio contrariado, ele terminar sua leitura. Depois de algum tempo ele olhou para mim e disse: - “Cézinha: estás vendo aqueles livros aqui na biblioteca?” Eu respondi - “Sim, estou vendo, professor. Os de baixo são os Doutorados e os de cima são os Mestrado, eu enxergo bem.” Eu estava um tanto chateado, por assim dizer, pois ele demorava-se muito na biblioteca, e eu queria voltar logo para pegar, ao menos, o final de um encontro que os mestrandos e doutorandos faziam num barzinho próximo à universidade. A gente chamava esse encontro de Extensão Universitária Étlica (EUE), que era uma espécie de encontro para irrigar e fecundar as ideias e ajeitar os conhecimentos para que supostamente melhorasse a apreensão das aulas, tão notáveis, dos mestres que a gente tinha. Eu falei prontamente: - “Sim, estou vendo”. Ele, então, disse: “Pois é, Cézinha, depois que apagam-se as luzes, as traças sobem aqui, pelo cheiro do papel, mas algumas teses e dissertações são tão estéreis e tão frias que nem a traças querem comê-las por dentro, de tão artificiais as formas com que foram feitas!” E levei um susto tão grande com essa passagem que parei, estático, e ele continuou: - “Muitas pesquisas são feitas de maneira artificial, algumas para simplesmente cumprir um alpinismo acadêmico, e não nascem das preocupações com a vida concreta, com as condições reais da escola e dos alunos, dos professores, dos grandes problemas que afligem as pessoas na educação e na escola.” Eu nunca me esqueci

dessa expressão - alpinismo acadêmico - e em seguida ele disse, complementando a grandeza do momento: - “Você, menino, quando for escrever alguma coisa, fazer uma pesquisa, procure uma questão que lhe incomode muito, busque na realidade da educação e da escola, observe a sociedade, a ação concreta; transforme essa observação num problema, numa pergunta, e eleve essa pergunta à teoria,” - ele fazia um gesto de mexer com a mão direita, como que brandindo alguma coisa – e concluía: “Banhe na teoria, mergulhe na teoria, questione, explore, pergunte, e depois retorne à realidade, ao plano da ação, da vida prática, com alguma compreensão, com algum encaminhamento para a superação de todos os problemas e de todas as contradições que pesam sobre a educação e a escola.” Lembro-me que esse diálogo se deu em aproximadamente 3 minutos, mas esse dia mudou a minha vida. Ensinou-me a buscar um tema de investigação que esteja na realidade concreta, a elevar à teoria e nela entrar o debate teórico, e novamente voltar à vida prática, voltar às questões reais e objetivas que condicionam a educação e a escola. Esse ensinamento de Paulo Freire é uma lição de método e eu tenho repetido essa passagem para os meus alunos e alunas, agora na posição de orientador e na função de professor. (NUNES, Cesar. Depoimento Ebook, 2021, p. 02).

Essas lembranças povoam minhas reflexões constantemente. Pois são o *leitmotiv* da questão da pesquisa e da formação de professores. Alguns afirmam que as instituições superiores que formam professores (cursos de Licenciaturas) estão com currículos anacrônicos e defasados, são pouco avaliadas ou são reguladas de maneira irresponsável, acusam que tais institutos mantêm estruturas docentes sem qualificação, com intervenções fracas e políticas formativas desatualizadas. Outros afirmam que são as *políticas públicas de formação* que são desconexas, desarticuladas e frágeis. Há os que consideram que os salários, o reconhecimento social, a eventualidade de uma carreira profissional não são estimulantes ou inspiradores. Outros integram todos esses fatores numa determinação política de fundo. O fato é que a formação de professores e de professoras no Brasil é um dos maiores desafios de nossa realidade educacional atual. Já era um tema emergente e urgente nos anos 1960, quando Paulo Freire atuava no Brasil, continuou a sê-lo depois de sua volta em 1980 e nas décadas seguintes. Hoje, mais do que nunca, essa questão se impõe como urgente e prioritária.

Busca-se hoje superar dois conceitos equivocados, ambíguos ou insuficientes, que se usa comumente ao falar de “formação de professores”. Superar o conceito de “reciclagem”; trata-se de um conceito estreito, próprio para considerar resíduos sólidos, mas não para dar conta da tarefa de formar continuamente os docentes e educadores. Não serve nem mesmo para outras práticas formativas de natureza profissional ou similares. Também não se considera mais o conceito de “Capacitação”, extraído das medidas de base técnica e de inspiração tecnicista taylorista-fordista, como se fosse possível, através de um “treinamento” intensivo, mudar a prática profissional de docentes. Supera-se hoje o conceito de “reciclagem”, de “capacitação” e de “treinamento”, de inspirações empiristas, pontuais, pragmatistas e banais. Reconhecemos, sim, a necessidade de uma esclarecida proposta de *formação inicial*, articulada, fundamentada, integrando teoria e prática, e a permanente prática de atualização,

de *formação continuada*, que se estende por toda a vida profissional dos docentes.

Professor não se “recicla”, educador não se “capacita”, educadores e professores não se “treinam”. Termos e conceitos superados. Professores e educadores se formam, em processos que se integram, seja aquele de *formação inicial*, as licenciaturas, seja ainda em tudo o que se continua a estudar, pesquisar e investigar, após a formação inicial, o exigente e necessário processo de *formação continuada*. Novamente lembramos de Paulo Freire e sua dialética, no sentido de apontar que a Educação é a *Hominização* do Homem.

O segundo ponto. A sociedade atual só será bem decifrada se levarmos em conta as mudanças vertiginosas que se operam no mundo do trabalho, o potente impacto das tecnologias digitais na produção de bens e de coisas, na geração e na transmissão de dados, no volume e no trânsito frenético de informações, que se dá de maneira *on line*, com possibilidades de pluricomunicações multimidiáticas, em portentosas e espantosas formas de integração supraespacial e temporal. Mais do que em qualquer tempo, nesse interregno de quase dois anos, no olho do furacão da PANDEMIA DA COVID 19, sentimos o impacto das tecnologias digitais em nossa vida cotidiana, com todas as contradições que presenciamos. A democratização dos aparelhos de telefonia móvel, em vasto programa de fusão entre tecnologias de transmissão de voz, de imagens, de dados, de informações, de operações bancárias, de reuniões etc., fazem com que nossa vida tenha que ser amplamente ressignificada, repensada, reorganizada e transformada. Estas novidades impactaram profundamente a prática e a dinâmica da educação, da escola, das práticas escolares, e estão a inquirir como ficará a prática educacional e escolar, após o controle social da pandemia. Perguntas que nos incomodam, a exigir serenidade, prudência e boa-fé, para encaminhar as possíveis respostas. Não podemos desconsiderar estas realidades na prática docente e escolar, sobretudo nessa conjuntura produzida pelas relações educacionais e escolares no período da pandemia.

Muitas pessoas falam hoje que a Educação é a grande esperança de transformação de nossa sociedade. Embora seja uma afirmação correta, esta tese precisa ser um pouco mais esclarecida, para não se reduzir a uma generalização idealista e alienada. Entendemos que a sociedade é o conjunto das produções dos homens que, vivendo em grupos, através dos tempos históricos e em diferentes locais, acabaram por criar, cumulativamente, o que definimos por **cultura** e por **civilização**. Estudamos, pesquisamos e sabemos muitas coisas sobre os grupos e as sociedades humanas, cumulativas e diversas, no tempo e no espaço. Mas, precisamos urgentemente *decifrar* o nosso tempo e a nossa sociedade, chamada de “sociedade tecnológica”. Hoje vivemos uma revolução nas formas de produzir a vida e de reproduzi-la, através do impacto das grandes máquinas movidas pela tecnologia digital, dinamizadas pela inteligência artificial aplicada, através das potencialidades da geração e da transmissão momentânea de dados, arquivos e imagens.

Reconhecemos que vivemos uma intensa revolução nas formas de viver, de

pensar e de existir, estamos a cada dia mais dependentes dessas tecnologias inventadas e massificadas nas décadas recentes, acentuadas no confinamento da pandemia. Os meios de comunicação de massa, hoje chamados de *mídia* ou de *multimídia*, estão hoje num vertiginoso processo de transformação, de fusão entre si e de ebulição criativa. São múltiplas e diversas as suas fontes e suas formas. Mas, a despeito do reconhecimento da grandeza da *Internet*, dos inúmeros utensílios de manejo digital (rádios, fotos, imagens, jogos, arquivos, redes) isso não pode ser um fim em si mesmo. Uma radical dependência desses objetos digitais, que parecem mágicos, pode tirar a pessoa da dinâmica orgânica da vida real.

Temos buscado ampliar o conceito de *tecnologia*, para termos mais segurança e prudência. É preciso ampliar e aprofundar o conceito de *tecnologia*, uma palavrinha muito usada nos dias de hoje. Se entendermos que “tecnologia” é todo artefato que o ser humano criou e inventou para seu bem estar, teremos que considerar igualmente que a *linguagem* é tecnologia humana de comunicação, que o *pensamento* é tecnologia de compreensão do mundo, que a *história* é tecnologia de dimensionamento no tempo e no espaço político, *geografia*, *matemática*, *física*, *biologia*, *as artes*, *a música*, *o teatro*- tudo isso é tecnologia, isto é, é parte da produção cultural e social humana, que deve ser posta a serviço da vida e da felicidade de todos. Saramago (2001), num questionamento da dependência geral das tecnologias digitais, resgatou o conceito de *caverna tecnológica*, usou a célebre metáfora de Platão: *estão todos numa caverna, vendo o mundo às avessas!* Para mim essa tecnologia de informação e de comunicação que avassala a sociedade e que assusta a escola, além de inquirir a Educação, não pode prescindir de um condicionamento ético, antes mesmo da dimensão operativa ou estritamente tecnológica.

Junto a tais parafernália eletrônicas vem uma ansiedade de vencer, sentimos a imposição de um alto senso de descartabilidade, uma sensação de poder e de manipulação, que pode retirar importantes descobertas humanas da apropriação educacional e escolar clássicas. É preciso ter um senso ético para o controle, para o autodomínio e não para a dependência tecnológica descartável e rapidamente obsolescente. Trata-se mais de uma questão de formação ética, de formar para a apropriação ética, pedagógica e estética, das tecnologias digitais. Isto é fruto de um projeto político e pedagógico. O que diferencia uma suposta qualidade da escola hoje não é mais o manejo das últimas tecnologias digitais, mas sim o projeto, ético e pedagógico, de construir valores, de orientar para condutas apropriadas, diante do mundo da tecnologia, das redes sociais e das potencialidades da rede mundial de computadores e de seus dispositivos ou produtos. É preciso haver uma qualidade pedagógica da apropriação tecnológica. Também se torna necessário esclarecer esse conceito. O conceito de *qualidade* hoje está muito vinculado a uma dimensão empresarial: escolas de alto rendimento, de alta *performance*, escolas avançadas, todas essas coisas são supostamente boas, mas para mim a escola tem que ter *qualidade social, humana e pedagógica*. Escola de qualidade social e humana é a escola que busca formar bem as crianças e os adolescentes,

que os prepara para viver, para conhecer, para amar e respeitar a própria vida e a vida de seus semelhantes! Escola que reúne conhecimentos e cultura, arte e sabedoria, em relações de igualdade, afetividade e solidariedade. A escola de qualidade humana e social tem que ter relações orgânicas com a família e a sociedade, considerando a pluralidade das concepções de famílias e de unidades parentais basilares. Não pode a família terceirizar para a escola a formação moral, ética e social de seus filhos. À escola cabe formar os conhecimentos, as condutas, as posturas, solidificar os valores, acentuar e legitimar as práticas de solidariedade, de responsabilidade, de sustentabilidade, mas o lugar do nascimento e de reforço dessas práticas é a *família*, com todas as mudanças sociológicas, políticas e institucionais, que a mesma instituição assumiu em nossos dias.

E, de algum modo, é também dever da sociedade, através de seus espaços e de todas as suas instituições, a geração de uma atmosfera de *cuidado* e de orientações para a promoção da *felicidade* e a proteção do crescimento e da vivência das crianças e dos adolescentes. Os educadores, os pesquisadores terão que compreender, apropriar e integrar as tecnologias digitais e as multimídias, na prática de formação de crianças, de adolescentes e de jovens. Trata-se de articular uma concepção pedagógica desta apropriação, com critérios e com condutas éticas corretas, e que possam ser, igualmente, esteticamente elevadas. Para isto é preciso que as escolas de formação inicial (licenciaturas) tenham programas de formação tecnológica, com viés educacional, para qualificar e para formar seus professores. Possam formar bem em todas as dimensões, com conteúdos renovados e esclarecidos, com mediações didáticas digitais ricas e diversas, com a compreensão sociológica, psicológica e cultural, generosas e amadurecidas, na direção de acolher e de humanizar as crianças, os adolescentes e jovens que procuram as escolas!

O Brasil conta hoje com aproximadamente 2,4 milhões de professores reunindo a Educação Básica, que se compõe pela Educação Infantil (de 0 a 5 anos) o Ensino Fundamental (de 06 a 14 anos) e o Ensino Médio (de 15 a 17 anos), e o Ensino Superior. O Censo Educacional de 2014, que foi o último efetivamente realizado no Brasil, mostrou que em 2008 o número de professores que não tinha formação superior para lecionar na Educação Básica era de 65% do total. Em 2014 o Brasil atingiu o número de 76,2% de professores com Ensino Superior na Educação Básica. Houve um crescimento destacado, um avanço criterioso e admirável! Até o meio dessa década assada podemos identificar avanços e crescimentos na educação brasileira, de modo geral.

No entanto, há ainda dados preocupantes e lacunas neste quadro geral. Outros dados mostram que houve mudanças neste quadro, mas que ainda será necessário formar e atualizar a formação de nossos professores: 49,2% dos docentes que atuavam nos anos finais do Ensino Fundamental em 2014, não possuíam licenciatura ou formação na área em que lecionavam. No Ensino Médio somente 59,2% tinham formação em sua área de atuação. Com a promulgação da Base Nacional Comum Curricular em 2017 (BNCC, 2017)

e a propalada Reforma do Ensino Médio (BNCC do Ensino Médio, 2018) começamos uma derrocada sem par no crescimento e da qualificação social e pedagógica da Educação Brasileira. Paulo Freire haveria de sofrer muito ao ver os desvarios dos dispositivos atuais, desconexos e mercantilistas, que inspiram as frágeis e medíocres políticas educacionais em curso na conjuntura atual.

Há ainda outro dado que chama nossa atenção, são somente 19% dos professores que atuam nas áreas da diversidade, composta pela educação indígena e quilombola, pela educação de pessoas com deficiências, pela educação para pessoas privadas da liberdade e para populações itinerantes, entre outras modalidades especiais. Com as atuais disposições políticas esse número tem sido cada vez mais reduzido. Precisamos avançar neste campo da Educação Inclusiva, da Educação Sustentável, da Educação para os Direitos Humanos, da Educação como Direito e do Direito à Educação, entre outras demandas urgentes, com a compreensão da educação como direito subjetivo e direito social, dever do Estado e da Família, tal como está escrito em nossa Constituição Federal!

A simples consideração deste cenário exige de toda a sociedade brasileira, no começo de mais uma década, uma resposta honesta e democrática, para criar políticas públicas e mediações didáticas e pedagógicas de amplo acesso, para lograr superar este preocupante quadro. Vamos pensar juntos que educação e que escola queremos construir para incluir, para formar, para acolher, para cuidar e educar todas as crianças, adolescentes e jovens de nosso país! As premissas deste novo ordenamento jurídico, filosófico e pedagógico, deste momento institucional e histórico, se articulam ao redor da concepção de “direito à educação, direito à escola, direito à aprendizagem”. Com a retomada dessa pauta política e pedagógica acabaremos por manter viva a memória de Paulo Freire (1921-1997), patrono da educação brasileira.

Campinas, setembro de 2021.

César Nunes

REFERÊNCIAS

NUNES, Cesar. **A pandemia é filha da mercadoria**. In FALCINI, Mércia (Org.) **Aos que virão depois de nós**. Salto: Editora Foxtablet, 2020.

NUNES, Cesar. **Paulo Freire, histórias vividas, lições inesquecíveis**. Ebook Paulo Freire, Porto Alegre, 2021.